

“Sessão”, de Roy David Frankel

Danilo Diógenes

UFRJ

Resumo: O livro *Sessão* (2017), de Roy David Frankel, reage ao processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff de um modo particular. Nele, o autor reproduz as notas taquigráficas feitas a partir das falas dos deputados que participaram da sessão 091 da Câmara dos Deputados, em 17 de abril de 2016. Esta resenha procura apresentar e comentar a intervenção que o livro operou na demanda por um posicionamento político lançado à poesia e, ao mesmo tempo, relaciona essa produção com outros poemas que, ao longo do último século no Brasil, também explicitaram um vínculo, sempre tenso, com o contexto histórico-político.

Palavras-chave: Sessão; poesia; política

Abstract: The book *Sessão* (2017), by Roy David Frankel, reacts to the process of impeachment of the president Dilma Rousseff in a particular way. In that, the author reproduces the tachygraphic notes taken from the speeches of the parliamentarians who have participated in the session 091 of the Chamber of Deputies, on April 17th, 2016. This review looks forward to presenting and commenting the intervention that the book has operated in the demand of a political positioning addressed to poetry and, at the same time, it relates this production to other poems that, throughout the last century in Brazil, have also made explicit an always tense bond with the historical-political context.

Keywords: Sessão; poetry; politics

O livro *Sessão* (2017), de Roy David Frankel, reage ao processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff de um modo particular. Nele, o autor reproduz as notas taquigráficas feitas a partir das falas dos deputados que participaram da sessão 091 da Câmara dos Deputados, em 17 de abril de 2016. O episódio dividiu a opinião pública e mobilizou os brasileiros numa acirrada disputa política, pois não se tratava apenas da retirada do cargo mais alto do governo uma representante eleita legitimamente sob a acusação de crime de responsabilidade, tratava-se, como ficou claro nos desdobramentos de investigações feitas pela polícia federal, de uma ação arquitetada por políticos envolvidos em escândalos de corrupção, cujo objetivo era, a um só tempo, se proteger contra as punições cabíveis a seus crimes e implementar um novo plano de governo que contemplasse seus interesses particulares.

O novo governo, incorporado pela figura do agora presidente Michel Temer, teria o apoio primordial do então presidente da Câmara, Eduardo Cunha, condenado logo em seguida, em 30 de março de 2016, a 15 anos e 4 meses de prisão pelo recebimento de propina durante o exercício de seu mandato.

No livro de Roy, a disposição dos discursos na página, em forma de poemas, enfatiza a dramatização politicamente infértil que tomou conta das declarações de voto dos parlamentares e até mesmo dos discursos anteriores à votação. É o que vemos em uma das falas selecionadas pelo autor:

Hoje,
quando saí de casa,
passei no quarto dos meus
filhos
— Rafael, de 3 anos, e Felipe, de
5 anos —,
que estavam dormindo
com o semblante
inocente
característico das crianças.
Imaginei o que eles estariam
sonhando
e me deparei

com a realidade
que iremos viver
neste domingo
nesta Casa. (*idem*: 18)

A estrutura discursiva-argumentativa desta fala pode nos lembrar do poema “História natural”, de Cacaso:

Meu filho agora
ainda não completou três anos.
O rosto dele é bonito e os seus olhos repõem
muita coisa da mãe dele e um pouco
de minha mãe.
Sem alfabeto o sangue relata
as formas de relatar: a carne desdobra a carne
mas penso:
que memória me pensará?
Vejo meu filho respirando e absurdamente
imagino
como será a América Latina no futuro. (Cacaso 2012: 166)

Ela aparece, no entanto, como uma tentativa falha de lirismo, apresentando uma visão idiossincrática, incapaz de se afastar de seu minúsculo universo particular. O contrário acontece no poema de Cacaso, em que o sujeito se lança num exercício crítico de saída do plano individual para o universal, pondo em questão a sua própria condição no mundo (“que memória me pensará?”), consciente do esforço, da violência e do absurdo que constituem esse gesto. Na fala do deputado, o sujeito gira ao redor de si mesmo, não exerce nenhuma crítica; visa unicamente a criação de uma atmosfera passional e a construção da imagem de um homem zeloso, preocupado com a sua *família*, conceito recorrente na organização dos discursos lidos ao longo do livro.

Em *Sessão* as falas, que tanto se esforçaram para a garantia de uma identidade, tornam-se anônimas, atuam como paradigmas de expressões ideológicas pessoais ou partidárias. O deslocamento de palavras como “País”, “Nação”, “Brasil”, “Brasileiros”, para a

margem direita da página, enfatiza o posicionamento político conservador e reacionário que sustentava esses conceitos.

No posfácio da obra, Eduardo Coelho escreve que “os *ready mades* de Roy David Frankel destacam os pronunciamentos de voto como meio de negá-los ou como resistência à aparente indiferença ao que se decidiu na Câmara dos Deputados” (*apud* Frankel 2017: 244), indicando a politicidade paradoxal de *Sessão*, que apresenta como oposição política a essa “aparente indiferença” e como resposta aos pronunciamentos de voto uma repetição dos próprios fatos. Tal gesto se configura como uma intervenção política posta em jogo mais por seus procedimentos (recorte, montagem, transposição de esferas de circulação do discurso) do que pelo valor literário dos textos reunidos no livro.

De modo geral, o deslocamento das falas dos deputados do plenário para o livro provoca alterações de sentido que devem ser consideradas pelo leitor. O que foi visto e ouvido com perplexidade por aqueles que encaravam o *impeachment* como um atentado contra a democracia, ou com euforia por aqueles que o encaravam como uma saída possível para a crise econômica do país, pode ser visto agora em toda sua dimensão estapafúrdia e tragicômica, como no caso do deputado que esquece de mencionar seu filho durante o voto, e faz questão de corrigir o erro:

Sr. Presidente, só para corrigir
aqui uma
situação. Eu quero mandar um
abraço. Eu não mencionei o meu
filho, Paulo
Henrique.

Deputado, isso não é possível.

Paulo
Henrique, é para você, meu
filho.
Um beijo! (*idem*: 183)

Na literatura brasileira, o mesmo efeito de humor subversivo foi trabalhado – com um grau maior de manipulação do texto – por Oswald de Andrade no livro *Pau Brasil*, como por exemplo “A descoberta”, poema que parodia trechos da carta de descobrimento do Brasil escrita por Pero Vaz de Caminha, ressignificando as passagens selecionadas, despindo-as de sua autoridade sobre uma possível verdade histórica: “Seguimos nosso caminho por este nar de longo/ Até a oitava da Paschoa/ Topamos aves/ E houvemos vista de terra” (2017: 29).

Em ambos os casos estamos diante da profanação dos arquivos, da apropriação de documentos que encerram em si mesmos uma determinada versão de um acontecimento. Nesse sentido, *Sessão* não deixa de ser um retrato verbal da votação do processo de *impeachment* na Câmara dos Deputados, mas, para além disso, o livro se configura como um gesto político de contestação dos fatos que, a princípio, não poderia ser feito apenas pelas notas taquigráficas que lhe serviram como fonte em sua mera função de registro e arquivamento. Os procedimentos utilizados por Roy David Frankel, assim como os de Oswald de Andrade, contam de dentro da versão dos fatos destinada aos arquivos uma versão que lhe é contrária, criando um dispositivo de reinterpretação dos discursos e de releitura da história.

Bibliografia

Andrade, Oswald, *Poesias reunidas*, São Paulo, Cia das Letras, 2017.

Cacaso, *Lero-lero*, São Paulo, Cosac Naify, 2012.

Frankel, Roy David, *Sessão*, São Paulo, Luna Parque Edições, 2017. Disponível em <http://docs.wixstatic.com/ugd/91ec05_ac7b36a87a7447f699533b83589f20e5.pdf>

Danilo Diógenes é formado em Letras: Português/ Literaturas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde cursa o mestrado em Ciência da Literatura e atua como coordenador adjunto do Núcleo Poesia do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC).